



CUBA

Uma ilha à deriva

Bloqueio energético imposto pelos Estados Unidos agrava crise econômica e mergulha o país socialista em incertezas. Especialistas avaliam as ameaças do republicano Donald Trump de mudar o regime e não descartam uma ofensiva militar norte-americana

Yamil Lage/AFP



Moradora olha da porta de casa ao lado de um muro com o nome do país pichado, em rua de Havana

» RODRIGO CRAVEIRO

Estrangulada por um bloqueio energético imposto pelos Estados Unidos há mais de quatro meses, Cuba é uma ilha imersa em uma crise histórica sem solução à vista. Apagões de várias horas por dia, com impacto devastador na economia e no turismo, somam-se a ameaças constantes do presidente americano, Donald Trump, de derrubar o regime socialista. A pressão de Washington levou a uma reunião excepcional e incomum de John Ratcliffe, diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), com autoridades locais. Ratcliffe desembarcou em Havana na quinta-feira. Fontes do governo cubano anunciaram que o encontro deveria ajudar no “diálogo político” entre os dois adversários ideológicos. Um dia antes, Cuba demonstrou “disposição” para avaliar uma proposta de ajuda financeira da Casa Branca, estimada em US\$ 100 milhões (cerca de R\$ 490 milhões). A condição imposta pelos EUA é que o dinheiro seja repartido pela Igreja Católica, sem acesso pelas autoridades do regime.

Na sexta-feira, Cuba conseguiu religar toda a rede elétrica nacional, depois de um blecaute atingir sete das 15 províncias da ilha. A medida é considerada apenas paliativa: os apagões programados serão mantidos, ante a capacidade limitada de geração de energia. A usina termelétrica Antonio Guterres, a 100km de Havana e a maior do país, foi danificada e permanece desativada.

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Augusta University (em Augusta, no estado da Geórgia) e especialista nas relações entre Cuba e EUA, Paolo Spadoni destacou que não existe uma oposição cubana legalizada. “A Igreja Católica, historicamente, desempenha papel importante em várias fases de negociação com os EUA. Ela interpreta que existe uma questão humanitária em Cuba. De fato, o impacto do bloqueio energético

tem sido devastador para a economia cubana. A medida adotada por Trump ampliou a crise existente, provocando uma situação quase sem precedentes e insustentável. É preciso destacar que Cuba produz apenas 40% de suas necessidades energéticas com petróleo bruto pesado”, explicou.

Segundo ele, os 9,6 milhões de cubanos sofrem até 20 horas diárias de apagões. “Desde que os Estados Unidos tiraram Nicolás Maduro da Venezuela, em 3 de janeiro passado, Cuba recebeu do exterior somente petróleo da Rússia. Um petroleiro enviado por Moscou chegou à ilha algumas semanas atrás, e o petróleo acabou”, acrescentou Spadoni.

Ele disse que Cuba sustenta suas necessidades energéticas com o petróleo nacional — insuficiente para suprir metade das demandas. O estuário lembrou que Trump falou em tomar o controle de Cuba, apesar de não ter sido específico. “A ameaça de ataque americano à ilha é real. Trump pretende fomentar o livre mercado e acabar com a economia socialista. E, então, implementar reformas econômicas a curto prazo e políticas a longo prazo. A ideia de Washington é estimular acordos econômicos importantes e benéficos para companhias americanas, além de criar condições para reformas políticas e mais liberdades em Cuba”, avaliou. “A reforma econômica não implica mudança de regime. O Exército cubano controla a economia — o turismo, o funcionamento do Porto de Mariel e as finanças do país.”

Jorge I. Domínguez, professor aposentado de estudos internacionais da Universidade de Harvard, admitiu ao **Correio** que o bloqueio energético paralisou o transporte público e inviabilizou o funcionamento de elevadores em prédios comerciais e residenciais. “Além disso, interrompeu a irrigação agrícola, levando à redução no consumo de alimentos. Também impede que a comida seja cozinhada e que as pessoas usem ar-condicionado e ventilador em meio à chegada do calor”, comentou.

Yamil Lage/AFP



Barricada incendiada durante protesto contra a falta de energia, em Lawton, bairro da capital cubana

Adalberto Roque/AFP



O presidente Miguel Díaz-Canel (D): regime sob pressão máxima

Alternativas

Na opinião de Domínguez, Trump oscila entre duas opções. “Às vezes, diz que não há necessidade de uma invasão, porque Cuba cairia sozinha. Outras vezes, com o destacamento da Marinha e da Força Aérea ao redor da ilha, parece que uma invasão é apenas uma questão de tempo, até que a guerra

com o Irã ‘termine’”, advertiu. Ele entende que os Estados Unidos têm aplicado pressão política sobre Cuba, mediante instrumentos econômicos: sanções contra transações financeiras internacionais, assédio a serviços médicos prestados por cubanos em outros países, proibição para que a empresa Western Union possa transmitir remessas e obstáculos ao turismo.

Jospin Mwisha /AFP



Paciente é examinado em Goma, no Congo: autoridades em alerta

regiões de Ituri, e casos suspeitos foram relatados também em Kivu do Norte. Além disso, pelo menos quatro profissionais de saúde morreram com febre hemorrágica viral na área afetada.

Conforme a OMS, o fato de a região ser semiurbana e a concentração de serviços de saúde informais aumentam o risco de

disseminação da doença, cenário semelhante ao observado na epidemia de ebola nas províncias de Kivu do Norte e Ituri, entre 2018 e 2019. No entanto, diferentemente das cepas do Ebola-Zaire, causadoras do último surto, atualmente não existem tratamentos ou vacinas específicas aprovados para o vírus da cepa Bundibugyo.

Eu acho...

“Os Estados Unidos pretendem acabar com todas as fontes de divisas da economia cubana. O objetivo é estrangular Cuba, a ponto de forçar concessões por parte do regime. A ilha está verdadeiramente no meio de uma crise humanitária, ainda pior do que aquela que vivenciei no início da década de 1990, após a queda da União Soviética e o início do chamado Período Especial.”



Arquivo pessoal

Paolo Spadoni, professor do Departamento de Ciências Sociais da Augusta University (em Augusta, no estado da Geórgia)

“Acredito que as Forças Armadas Revolucionárias de Cuba tentarão resistir e reacender a ‘guerra popular’, o que envolveria táticas de guerrilha. Não tenho dúvidas de que os militares dos EUA conseguirão derrotá-las em pouco tempo, mas os episódios de violência podem persistir indefinidamente. Os cubanos lutarão para defender Nicolás Maduro; os cubanos lutarão contra barcos que tentavam infiltrar membros armados da oposição em Cuba.”



Harvard University News Office

Jorge I. Domínguez, professor aposentado de estudos internacionais da Universidade de Harvard

EMERGÊNCIA SANITÁRIA

Alerta internacional para surto de ebola

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ontem que a epidemia de ebola na República Democrática do Congo (RDC) e em Uganda, causada pelo vírus da cepa Bundibugyo, foi classificada como emergência de saúde pública de importância internacional. Segundo o comunicado da OMS, foram relatados oito casos confirmados em laboratório, 246 infecções e 80 mortes suspeitas na província de Ituri, na RDC. Além disso, uma pessoa morreu e uma está infectada em Uganda. Apesar do alerta, a agência da ONU afirma que a situação não preenche os critérios para ser considerada uma pandemia.

Conforme o anúncio, a decisão do diretor-geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, baseou-se em informações fornecidas pela República Democrática do Congo e por Uganda e em princípios científicos, “bem como nas evidências

científicas disponíveis e em outras informações relevantes, e avaliou o risco para a saúde humana, o risco de disseminação internacional da doença e de interferência no tráfego internacional”. Em breve, o diretor da OMS deve convocar o Comitê de Emergência para assessorar os países afetados.

Até ontem, tinham sido confirmados oito casos, 246 contaminações e 80 óbitos suspeitos na província de Ituri, no Congo, em pelo menos três zonas de saúde, incluindo Bunia, Rwampara e Mongwalu. Ademais, dois casos confirmados em laboratório, incluindo um óbito, sem ligação aparente entre si, foram relatados em Kampala, capital de Uganda, com 24 horas de diferença. Os dois pacientes tinham viajado para o Congo.

Surto incomuns de óbitos com sintomas compatíveis com o ebola foram relatados em diversas

ORIENTE MÉDIO

Usina nuclear sob ataque

Na expectativa tensa pela possível retomada dos ataques de Estados Unidos e Israel ao Irã, na ausência de progresso nas negociações de paz, os Emirados Árabes Unidos denunciaram ontem um ataque com drones contra a usina nuclear de Barakah, a oeste da capital, Abu Dhabi. Dois projéteis teriam sido abatidos, e um terceiro teria atingido um gerador externo. O incidente provocou incêndio, mas não deixou feridos nem aumento da radioatividade, anunciaram as autoridades.

“Estão sendo realizadas investigações para determinar a origem dos ataques, e novas informações serão divulgadas assim que forem concluídas”, informou o governo dos Emirados, uma das monarquias do Golfo Pérsico mais alinhadas com os EUA. Dados iniciais indicaram que os drones invadiram o espaço aéreo pela fronteira ocidental — direção oposta à do Irã, que atacou instalações

americanas no país e a infraestrutura energética desde que foi bombardeado por EUA e Israel, em 28 de fevereiro.

A origem aparente do ataque coloca sob suspeita milícias grupos iraquianos apoiados pelo Irã — e equipados com drones. As suspeitas se estendem, também, à milícia dos houthis, no Iêmen, igualmente aliadas ao regime islâmico de Teerã. “Qualquer atividade militar que ameace a segurança nuclear é inaceitável”, afirmou em uma mensagem no X diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Rafael Grossi.

Nos últimos dias, transpirou a informação de que os Emirados teriam feito ataques próprios ao Irã, durante a guerra, sem que a autoria fosse assumida publicamente. Paralelamente, o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, confirmou ter visitado secretamente o país, durante o conflito. O governo de Abu Dhabi não confirmou a versão israelense.